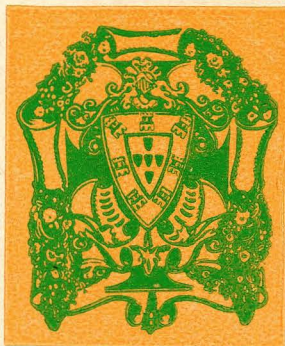


76

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL



FEVEREIRO

VOL. XII 1941 N.º 34

DIRECTORES
MANUEL MÚRIASE
ALVARO PINTO
PROPRIETÁRIO E EDITOR**OCIDENTE**

REVISTA PORTUGUESA

SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:
RUA DO SALITRE, 155, 1.º
TELEFONE 4 8276
LISBOA ♦ PORTUGAL

SUMÁRIO DO N.º 34 ~ VOL. XII ~ FEVEREIRO DE 1941

António G. Matoso — «Portugal-Brasil, Brasil-Portugal» — Pág. 165.*Silvio d'Amico* — «Cronache del Teatro drammatico in Italia» — Pág. 175.*Carlos Magalhães de Azeredo* — «Laudes do Riacho Alpino» — Pág. 180.*Abd-el-Kader* — «Dois Trípticos de Sonetos hindus» — Pág. 189.*Delfim Santos* — «Uma Visita a Henri Bergson» — Pág. 193.*Guerra Junqueiro* — «Pensamentos à margem duma Filosofia» — Pág. 196.*Queiroz Veloso* — «Fernão de Magalhães» — Continuação — com 6 ilustrações — Pág. 197.*Anselmo Braamcamp Freire* — «Vida e Obras de Gil Vicente» — Continuação — Pág. 213.*Vieira de Almeida* — «Parábola Viva» — Romance — Continuação — Pág. 229.*Joaquim Lopes* — «Artur Loureiro — grande Pintor português» — Pág. 245.*Armando de Matos* — «As armas-de-fé do Senhor Cardial Patriarca» — com 2 ilustrações — Pág. 255.*Ventura Perfeito* — «O Palácio Nacional de Queluz restaurado» — com 3 ilustrações — Pág. 260.*A. L. de Carvalho* — «A Procissão de Corpus Christi em Guimarães» — com 3 ilustrações — Pág. 269.

Notas estatísticas — Pág. 282.

CRÓNICAS*Rodrigues Cavalheiro* — «Sob a Invocação de Clio» — Pág. 284.*Diogo de Macedo* — «Notas de Artes» — Pág. 288.*Mário de Sampaio Ribeiro* — «De Música» — Pág. 297.*Luiz Chaves* — «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore» — Pág. 303.**BIBLIOGRAFIA**

Notas de J. C. O., E. N., A. do E. S. e A. M. — Pág. 309.

Livros recebidos e Revistas recebidas — Págs. 315 e 316.

NOTAS E COMENTÁRIOS — *Alvaro Pinto* — Pág. 317.**FINS DE PÁGINA**De *Afrânio Peixoto* — Págs. 179, 188, 287 e 312.**ILUSTRAÇÕES**Retrato de Guerra Junqueiro — por *Luiz de Ortigão Burnay* — Pág. 196/A. Auto-Retrato e Jardim do Palácio de Cristal — por *Artur Loureiro* — Pág. 196/B.

Naus portuguesas do Séc. XVI — Págs. 197 e 204.

El-Rei D. Manuel I — Pág. 200.

Cardial Adriano de Utrecht — Pág. 208.

Guilherme de Croy — Pág. 208.

Carlos I de Espanha — Pág. 210.

Cavalo à margem — por *Artur Loureiro* — Pág. 217/A.

Palácio de Queluz — Três aspectos — Págs. 212/B e 260.

Página de album de *Artur Loureiro* — Pág. 254.**VINHETAS** de C. Dias e D. M.**ASSINATURA**

Com direito aos números extraordinários

Portugal — 6 meses 60\$00 1 ano 115\$00

Colónias Portuguesas. . . 1 » 125\$00

Brasil 1 » 120\$000

Estrangeiro. 1 » £ 1-8-0

NÚMERO AVULSO

Portugal 10\$00

Colónias Portuguesas. 11\$00

Brasil 10\$000

Estrangeiro. sh. 2-6

Preço deste número 10\$00

(Estes preços anulam os anteriores e são cobrados adiantadamente, não se satisfazendo assinaturas que não venham acompanhadas da respectiva importância)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Comp. e imp. na Editorial Império, Lda. / R. do Salitre, 151-155 / Tel. 4 8276 / Lisboa

UMA VISITA A HENRI BERGSON

EM SETEMBRO DE 1935 visitei Henri Bergson. Passei por Paris e dirigi-me a Viena. Mas não podia passar por Paris sem tentar ver e ouvir o homem que, na minha mocidade, tinha exercido influência profunda e me acompanhou nos primeiros passos da descoberta do mundo interior. Por muito que de Bergson me tenha afastado não me é possível esquecer a acção pedagógica que sobre mim exerceu. E foi receoso e tímido que me aproximei do homem que modelara por algum tempo as formas do pensamento ocidental. Durante duas a três dezenas de anos Bergson foi o filósofo mais discutido, mais admirado e mais contrariado dos últimos tempos. Não era um génio póstumo mas alguém que se identificou com a sua época de tal forma que conseguira mesmo ser interpretado como a consciência objectiva do nosso século. Dirigi-me para o Boulevard Beauséjour pensando na grandeza deste homem e nas objecções que já em mim viviam quanto a algumas das suas conclusões.

Mixto de tristeza dolorosa e de emoção crescente de «joie» foi para mim este encontro: a primeira devido ao seu estado físico, a segunda ao seu vigor espiritual. O corpo de Bergson era uma sombra esbranquecida da figura delicada que as fotografias nos mostravam. Uma sala sóbria e distinta, pelas paredes desenhos à pena, todos êles estudos do nú feminino e assinados por Jane Bergson. A um canto, o retrato a óleo do filósofo com uma bela expressão de meditação em sombra. Em cima do fogão, um bronze representando David em momento dinâmico inexcelável. Um outro bronze, representando um torso nú de mulher, completava a ornamentação desta sala. Pouco depois, Bergson recebia-nos na sua sala de trabalho. Sentado numa cadeira, as pernas cobertas, os braços assentes e encolhidos, só a sua cabeça era bem visível e bem expressiva. O reumatismo gotoso tinha-o quasi paralizado.

Recebem-me o seu olhar claro e o seu sorriso amável. E interroga-me sobre os motivos que me levam a Viena. Lógica ou metafísica? Quando fala, fecha um pouco os olhos para melhor exprimir o seu pensamento e procura auxílio nas mãos que deveriam ter sido preciosos auxiliares do pensamento, mas agora se recusam e lhe devem dificultar a tradução da sua vida espiritual ainda profundamente intensa. Vi bem como, segundo êle mesmo, o homem pensa com todo o corpo. Os seus pequenos olhos azues claros interrogam-me. «A filosofia em Portugal?» E depois de breves considerações acerca das nossas tendências entramos a falar de Husserl e Scheler. Para êle, a metafísica alemã (e principalmente Hus-

serl) é demasiado complicada. A filosofia tem de simplificar, é mesmo «simplificação». Em vez de construir deve descobrir. Tudo quanto Husserl diz pode ser dito de maneira mais simples. Falou-me das suas relações epistolares com Scheler e da proximidade do seu pensamento com o dêle. Como lhe mostrasse conhecer os assuntos de que tratava, Bergson suspendia a conversa e, fitando-me com um belo sorriso de simpatia, mostrava certa surpresa por isso. «Ah! vous le connaissez?». Falou-me depois de Mach que êle muito admira e das inovações do seu pensamento; de Whitehead, que êle considera o pensador mais vigoroso e forte de todo o mundo anglo-americano. Criticou-lhe a excessiva expressão matemática do seu pensamento — vício dos matemáticos elevado injustificadamente a virtude. Falamos de Blondel — um pensador que exprime a medo o seu pensamento o que, segundo Bergson, deve ser interpretado como consequência do mau efeito produzido em Roma pelo seu primeiro livro, que esteve prestes a entrar no Index.

Contou-me como Le Roy se abriu para a sua filosofia e como abandonou o cultivo da matemática, ainda que tivesse sido considerado por Poincaré um grande matemático. Falou-me de Chevalier, do seu entusiasmo e da sua orientação. Criticou algumas tendências da filosofia contemporânea que pretendem ser difíceis e que, afinal, reduzem tôda a actividade espiritual a um jôgo de palavras. Assim a filosofia será antes a criação dum dicionário, e há coisas muito mais importantes do que isso. Foi o que deu a Sociedade Francesa de Filosofia: — o vocabulário de Lalande... Falou-me então de si próprio — : o seu trabalho é sem método, «completamente anárquico». Nem êle sabe quando prepara um livro. Estuda, circunscreve os problemas e abandona-os quando não pode limitar mais o seu campo. No «*Les deux sources...*» trabalhou vinte e cinco anos sem saber se estava a fazer um livro. Não se avalia o trabalho que teve com êle: foi obrigado a estudar assuntos que ignorava completamente: — história, mística, moral, sociologia e até economia política. A maior parte de tudo isto não se vê no livro — concluiu êle. Porém, de tudo quanto estudou só a Mística o interessou apaixonadamente — e desta a mística católica. Falei-lhe da emoção causada pelo livro, — da crítica simpatizante dos católicos e da de Gabriel Marcel. Nem todos compreendem ou querem compreender os seus pontos de vista — que êle modestamente desvaloriza —; há muita vaidade e infelizmente muito amor próprio até entre os filósofos. É êste a causa de muita incompreensão. Por exemplo, no livro êle só quis, estudando a Mística, mostrar que o método dos filósofos no estudo da vida deve ser idêntico ao método dos místicos. E o que disseram do livro! Que era uma Teodiceia! uma Apologia!...

Falou-me depois de Tonquedec a propósito da «Evolução Criadora» e da correspondência com êle trocada. Acha-o um homem exquisto e in-

compreensível nas suas atitudes. Falou-me da seriedade e sinceridade de Gabriel Marcel e quanto a William James teceu belos elogios ao seu pensamento e à sua generosidade.

Falei-lhe nos seus cursos de história da Filosofia... Contou-me como os fazia, como sendo nomeado professor de Filosofia Moderna, no Colégio de França, se confessou incapaz de fazer tal curso e como, no conselho, lhe disseram que «podia falar, se quisesse, da filosofia antiga, da sua própria filosofia ou até da filosofia do futuro...» Foi assim que começou a ensinar filosofia moderna... Falou-me ainda da sua grande admiração por Plotino e do seu grego muito difícil. Da sua tese sobre Aristóteles em latim para a qual tivera de ler um comentário conimbricense. Do seu estudo especial de Berkeley e do estudo de Spinoza que fez durante três anos em duas conferências semanais. Não tem nada disso escrito, porque não redigia as suas lições...

A missão do filósofo... a crise actual do mundo, a mocidade que não respeita as coisas respeitáveis... Como agir? Há uma coisa que ele não sabe, para que não encontrou ainda solução — como transmitir à massa os valores espirituais apreendidos por certos homens. Aconselhou-me a não fazer só filosofia pura — a voltar-me também para a humanidade que sofre uma crise angustiosa. São precisos «meneurs», Homens. E êstes só podem ser recrutados entre os filósofos, porque toda a crise actual provém da falta de clareza dos princípios que orientam a acção humana. A filosofia deve penetrar na vida, na vida corrente, na vida das pequeninas coisas. A maior parte dos filósofos recusam agir e dão assim o seu lugar a outros que para tal não nasceram. Por que razão tem hoje a filosofia tão fraca ressonância na vida política? São difíceis os tempos que atravessamos. Não sabemos para onde vamos. Faltam-nos os pressupostos que nos esclareçam o futuro. Especialmente em França há um mal-estar patente.

As palavras do filósofo eram pessimistas e realmente proféticas. Interessavam-no predominantemente os problemas sociais e os problemas políticos. Mais tarde Bergson retomou o tema numa conferência radio-difundida. Abandonamos o filósofo. Hoje, cinco anos mais tarde, e alguns dias após a sua morte, lembramo-nos das suas palavras e da sua actualidade. Muito do mundo a que pertenceu Bergson morreu antes dêle e com êle. E a sua própria filosofia? Qual será o seu futuro? Entrou já no ocaso para perder o que tem menos importância e voltar à vida rejuvenescida e purificada algumas dezenas de anos mais tarde?

DELFIN SANTOS